

EDUCAÇÃO FÍSICA PARA TODOS E TODAS?

Mariana de Oliveira Duarte¹

Orientador: Prof. Dr. Glauberto da Silva Quirino²

RESUMO

Este estudo objetivou analisar a visão de acadêmicos do curso de Licenciatura Plena em Educação Física a respeito da igualdade de gênero nas aulas de Educação Física escolar e discutir como as relações entre meninos e meninas ocorriam dentro desse cenário. Realizou-se um estudo descritivo de análise qualitativa, com 90 estudantes da Universidade Regional do Cariri. Utilizou-se um questionário contendo dez questões fechadas, e uma aberta que deveria ser respondida apenas por participantes do gênero feminino. Os resultados evidenciaram que havia uma disparidade entre os conteúdos ofertados para as meninas e para os meninos, onde os últimos, na maioria das vezes, ocupavam espaços e materiais privilegiados dentro das aulas. Sobre a participação, percebeu-se que os meninos participavam das aulas de maneira mais efetiva do que as meninas, sendo também a evasão nas aulas muito maior por parte delas. As participantes relataram diferentes situações nas quais sofreram exclusão ou práticas de machismo durante as aulas de Educação Física, citando inclusive, que muitos desses casos ainda ocorriam dentro do ambiente acadêmico. Por fim, fica clara a necessidade da inclusão de discussões sobre igualdade de gênero dentro dos cursos de formação de professores de Educação Física, visando formar profissionais mais esclarecidos, e possivelmente, diminuir ocorrências sexistas como essas.

Palavras-chave: Gênero, Igualdade, Educação Física Escolar.

INTRODUÇÃO

A Educação Física trata-se de um componente curricular obrigatório em todos os níveis de ensino, que ao passar dos anos, sofreu diversas modificações em seus conteúdos e metodologias. Até a década de 1990, a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física escolar era amparada por leis e decretos que previam aulas sexistas, em turnos ou horários diferentes. Somente a partir desse recente período as aulas passaram a ocorrer de maneira mista. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional recomenda que as aulas ocorram de maneira heterogênea, proporcionando igualdade de participação para todos os alunos. Entretanto, conforme analisado por Dornelles e Fraga (2009), o fato de inexistir uma lei no Brasil que assegure a separação de meninos e meninas não significa que essa prática tenha sido completamente abolida nas escolas.

Atualmente, o que se observa é que as aulas de Educação Física ocorrem na maioria das vezes de forma mista, porém, ainda com uma distinção dos conteúdos ministrados para meninos

¹ Mestranda no programa de Mestrado Profissional em Educação – MPEDU da Universidade Regional do Cariri - URCA, marianaduarte.edf@hotmail.com;

² Professor do Curso de Mestrado Profissional em Educação – MPEDU da Universidade Regional do Cariri - URCA, glauberto.quirino@urca.br

e meninas, onde muitas vezes a atenção do professor ou da professora está voltada efetivamente para os meninos, ou para os alunos mais habilidosos. Essa diferenciação de conteúdos, materiais e até mesmo espaço físico dentro das aulas, pode trazer vários prejuízos para as meninas, que ficam à parte das atividades práticas da disciplina.

Este modelo de aula separatista se baseia em uma visão biologista do sexo, onde o corpo feminino historicamente carrega um estigma de mais fraco, menos capaz, e nesse contexto de evidencição das diferenças corporais entre meninos e meninas, a Educação Física pode se colocar como uma ferramenta de hierarquização. Knijnik e Zuzzi (2010, p. 110) nos alertam que “a escola pode ter uma boa parcela de responsabilidade por oferecer uma educação impregnada desses padrões sexuais culturalmente definidos, ajudando, assim, a reproduzir as desigualdades que existem entre os sexos”. Essas situações nas aulas de Educação Física, acabam por também fortalecer determinados estigmas e preconceitos de gênero, que comumente ocorrem neste cenário, como: “meninas não sabem/podem jogar futebol”, “meninos não podem fazer aula de dança”, “os meninos são mais fortes que as meninas”, dentre vários outros.

Por se tratar de um dos contextos escolares que mais permite a relação social entre meninos e meninas “a disciplina de Educação Física e seus conteúdos são constantemente incitados a problematizar os conhecimentos sobre estética corporal, bem como as adequações sexo-gênero dentro do contexto das atividades corporais” (GOELLNER, FIGUEIRA e JAEGER, 2008, p. 403). De fato, é difícil identificar outro momento mais propício para o trabalho de igualdade de gênero do que em uma aula da referida disciplina. Esta se torna também uma situação importante para o professor colocar em prática ações de minimização dos conflitos entre meninos e meninas.

A Educação Física traz em seus conteúdos diversos elementos da cultura corporal do movimento que são essenciais para a formação global do aluno. Estes elementos trabalham aspectos físicos, motores, sociais e cognitivos. Portanto, um professor ou professora de Educação Física que reforce a existência de atividades específicas para meninos e para meninas, estará contribuindo não só para exclusão por gênero de determinada atividade e gerando prejuízos a esse grupo, mas também, estará perpetuando as performatividades³ de gênero como algo natural, que deve ser introduzido até dentro da escola. Esta discriminação provocará

³ Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero* (1992) traz o conceito de gênero como algo que se dá através da repetição de atos que reforçam a construção dos corpos masculinos e femininos, tratando-se, portanto, de uma questão de performatividade.

atrasos que irão além da sala de aula, pois estes estereótipos serão reproduzidos nas demais esferas da sociedade.

Thornie (1993) citada por Louro (1997, p.76) reconhece que “a escola muitas vezes favorece o agrupamento das crianças por gênero, mais do que ocorre nas amizades de vizinhança, onde grupos mistos são frequentes”. Ou seja, a escola é de fato um elemento separador dos sujeitos e é definitivamente nesse local que a discussão e ação sobre a igualdade deve ser iniciada e apropriada, em benefício das crianças e da futura sociedade que estas formarão.

Porém, trabalhar a igualdade de gênero na Educação Física Escolar requer progressos na formação inicial dos futuros docentes, a fim de que superem em suas aulas, argumentos sexistas de caráter biológico que se encontram embutidos em uma cultura machista e preconceituosa, na qual a superioridade masculina é tida como padrão referência (ALTMANN, 1998). Este é um dos motivos de vermos hoje, aulas com possibilidades desiguais para as meninas, e uma supervalorização da masculinidade.

Nas matrizes curriculares dos cursos de graduação em Educação Física não existem disciplinas que trabalhem as temáticas de gênero ou diversidade, ficando a responsabilidade de abordar esses assuntos a cargo de algum professor ou professora que deseje levantar essa discussão nas aulas de alguma outra disciplina. Em contraponto, as aulas de Educação Física nas escolas se tratam do momento em que mais ocorre a distinção entre a participação efetiva de meninos e meninas, sendo, portanto, necessário investigar como estas compreensões se dão dentro dos cursos de graduação em Educação Física.

Pelo citado, este estudo buscou responder às seguintes questões: Qual a visão dos alunos do curso de Licenciatura Plena em Educação Física a respeito da igualdade de gênero nas aulas de Educação Física Escolar? As meninas já se sentiram excluídas ou hostilizadas durante essas aulas em algum momento da vida? Segundo estes acadêmicos, a discussão acerca da igualdade de gênero é importante e necessária dentro dos cursos de licenciatura?

Verificar questões relacionadas a gênero permite que uma possível situação de desigualdade de oportunidades seja corrigida, beneficiando não só os envolvidos, mas a comunidade como um todo. Temáticas sobre gênero são importantes e necessárias para o trabalho dentro das escolas, em especial na Educação Física, pois, essa disciplina pode ser um importante espaço para auxiliar na desconstrução de estereótipos ou práticas que favorecem a segregação de meninos e meninas, ocasionando desigualdades (ALTMANN e UCHOGA, 2012).

O estudo teve como objetivos: analisar a visão de acadêmicos do curso de licenciatura plena em Educação Física acerca da igualdade de gênero nas aulas de Educação Física escolar, discutir como as relações entre meninos e meninas ocorrem dentro desse cenário.

MÉTODOS

Esta pesquisa buscou descrever os fatos através dos resultados obtidos e analisados, tratando-se, portanto, de um estudo descritivo. Nesse tipo de pesquisa, não há interação ou envolvimento do pesquisador no assunto analisado. Quanto à abordagem do estudo, temos uma análise qualitativa, que Gerhardt e Silveira (2009, p.31) definem como um método que:

“Não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados se valem de diferentes abordagens.”

O campo de coleta de dados do estudo foi a Universidade Regional do Cariri, na cidade do Crato, Ceará, mais precisamente no *campus* Pimenta, onde funciona o curso de Licenciatura plena em Educação Física, que foi fundado no ano de 2003. O Curso conta atualmente com 238 alunos matriculados, 17 professores e uma carga horária de 3650 horas/aulas, distribuídas em oito semestres letivos.

Participaram do estudo 90 acadêmicos do curso de Educação Física. Como critérios de inclusão os acadêmicos teriam que: estar devidamente matriculados no curso de Educação Física; estar cursando a partir do 5º período e disponibilizarem de tempo para participação neste estudo. Os critérios para exclusão na pesquisa foram: os alunos que não preenchessem corretamente ou completamente o questionário de pesquisa, ou não assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A aplicação dos questionários ocorreu entre os alunos que estavam presentes nos dias e locais da coleta, que aconteceu no ginásio Poliesportivo da Universidade. A pesquisa foi feita com 96 estudantes, dos quais seis foram excluídos durante a análise dos questionários por não atenderem aos critérios acima descritos. O questionário foi escolhido por ser um instrumento de fácil e rápida aplicação, visto que os alunos em sua maioria estavam em horário de aula.

Para contemplar os aspectos éticos, foi aplicado aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes da realização da coleta de dados, garantindo aos alunos total liberdade para participar ou não da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento,

sem que isso lhes ocasionasse prejuízo de qualquer natureza. Foi garantido também o total sigilo da identidade dos participantes, bem como o esclarecimento do caráter científico dos resultados.

Para a exposição e análise dos resultados coletados foram elaboradas categorias, sendo as seguintes: “**Separação por gênero**”, “**Evasão nas aulas**”, “**Oportunidade de participação**”, e na última categoria, nomeada por “**Práticas de machismo ou exclusão feminina das aulas**” constará os recortes das respostas das participantes à questão referente às situações de machismo ou sexismo sofridas por elas, durante as aulas de Educação Física nas escolas e na graduação. Nomes fictícios foram utilizados nos relatos para preservar as identidades das participantes.

Foi realizada dessa maneira, uma análise temática dos dados coletados, agrupando os resultados nas categorias citadas, para facilitar a apresentação e atender ao objetivo de verificar como as relações de gênero se dão dentro deste cenário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dando início à exposição dos dados, apresentaremos aqui os resultados obtidos e sua contextualização, em comum acordo com a literatura pertinente. A tabela abaixo mostra o percentual de distribuição por gênero, de acordo com a autodeclaração de cada participante.

Tabela 1: Distribuição dos participantes por gênero. Crato-CE, 2019.

Gênero	N	%
Feminino	51	56,7
Masculino	38	42,2
Outro	1	1,1
Total	90	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Os dados do Censo da Educação Superior do ano de 2017 permitem visualizar o percentual de alunos e a distribuição por gênero de acordo com os cursos e áreas. Nele podemos constatar que no panorama geral do país, as mulheres representam apenas 38% do total de alunos nas graduações em Educação Física, enquanto os homens ocupam 62% das vagas. A Educação Física é colocada nesse cenário como um curso predominantemente masculino, ao lado de outras graduações como engenharia de produção, ciências da computação, matemática e economia (CENSO, 2017). A população estudada foge a este padrão nacional das graduações em Educação Física, contendo uma maior participação feminina em todos os semestres do

curso. Apenas um/uma participante declarou o seu gênero como “outro”, não tendo, entretanto, especificado sua declaração.

Quanto às idades dos acadêmicos, estas variaram entre 18 a 54 anos de idade, porém, mais de 70% dos estudantes que participaram da pesquisa possuíam faixa etária entre 19 e 22 anos. Isso indica um perfil etário jovem.

Separação por gênero

A primeira pergunta do questionário referia-se às aulas de Educação Física que os alunos participavam durante o ensino básico, se estas ocorriam com separação ou não por gênero. As respostas evidenciam que apenas 07 participantes (8%) afirmaram realizar aulas sempre mistas, enquanto 56% dos estudantes citaram aulas “sempre” ou “na maioria das vezes” separadas por gênero.

Sabe-se que essa ainda é uma prática comum nas escolas, onde muitas vezes as aulas acontecem até mesmo em turnos diferentes. Aulas separadas, onde meninos e meninas realizam as práticas em momentos ou situações distintas, embora pareçam promover maior oportunidade de participação para as meninas, uma vez que estas não terão que “disputar” com os meninos, não promovem a real oportunidade de trabalhar a igualdade de gênero. Esse na verdade, será apenas mais um momento que estará reforçando o agrupamento de meninos e meninas, incentivando que determinadas atividades não podem ser realizadas por ambos os gêneros ao mesmo tempo. Como os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam:

“as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidades para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias” (BRASIL, 1998, p.42).

Ou seja, a igualdade de gênero só conseguirá ser trabalhada na medida em que meninos e meninas possam ter oportunidades de se relacionar e entender como podem realizar diversas atividades juntos e como elas podem ser prazerosas para ambos.

A segunda pergunta do questionário dizia respeito aos conteúdos que eram ofertados nas aulas de Educação Física escolar, se estes eram os mesmos para as meninas e para os meninos. Foi possível perceber que a maior parte da amostra (67%) afirmou serem “sempre” ou “na maioria das vezes” os mesmos conteúdos, em detrimento de 33% que citou conteúdos ofertados nas aulas para os meninos “sempre” ou “na maioria das vezes” diferentes dos ministrados para as meninas.

Os assuntos abordados nas aulas de Educação Física escolar no Brasil estiveram nos últimos anos pautados em uma delimitação proposta pelo livro *Metodologia do Ensino da Educação Física*, mais conhecido como Coletivo de Autores lançado no ano de 1992, que tem uma divisão organizada em blocos que tratam de jogos, danças, esportes, ginásticas e lutas, tendo cada um deles sua importância e contribuição para a formação global do aluno em desenvolvimento. Pesquisas que relacionam o esporte à aspectos sociais já demonstraram que as atividades físicas esportivas podem ser elementos de empoderamento para as mulheres nas diversas faixas etárias da vida (ALTMANN e UCHOGA, 2012)

Portanto, a prática de exercícios físicos e esportivos por meninos e meninas é essencial não só para o aspecto físico ou motor, mas principalmente para fatores sociais. Sendo o esporte um fenômeno social na atualidade, a participação feminina nas diferentes práticas esportivas é indispensável para a constituição de uma sociedade cada vez mais igualitária.

Ao analisarmos o resultado, percebemos que um terço dos participantes afirmou ter aulas onde os conteúdos eram diferentes para meninos e meninas, mostrando que a disparidade entre os conteúdos ofertados ainda é uma realidade recorrente e uma prática comum em algumas escolas.

A terceira pergunta do questionário verificava os espaços físicos ocupados pelos meninos e pelas meninas durante as aulas. Identificamos que 72% dos participantes afirmou que meninos e meninas ocupavam “sempre” ou, “na maioria das vezes” os mesmos espaços, enquanto 28% citou que os espaços ocupados eram diferentes.

Helena Altmann em sua dissertação de mestrado no ano de 1998, objetivou analisar o espaço escolar ocupado por meninos e por meninas, e afirmou que, efetivamente, tanto durante as aulas de Educação Física, quanto no recreio escolar, os meninos ocupavam espaços maiores e melhores que as meninas. A autora traz também outras pesquisas que corroboram com esse dado, citando o estudo de Thorne (1993) que pesquisou o pátio de escolas fundamentais norte-americanas e constatou que meninos ocupavam dez vezes mais espaço do que meninas nos recreios da escola e, enquanto eles controlavam espaços maiores e principalmente destinados a esportes coletivos, elas permaneciam em espaços menores e mais próximos ao prédio, obtendo assim a proteção dos adultos. Além de ocuparem mais espaço, meninos invadiam e interrompiam os jogos femininos mais frequentemente do que elas (ALTMANN, 1998).

Este é um fato alarmante, pois faz com que a Educação Física seja a única disciplina escolar a ministrar seus conteúdos para meninos e meninas em espaços diferenciados, com materiais muitas vezes também diferentes. O fato de a maior parte da amostra ter afirmado que as aulas na maioria das vezes acontecem nos mesmos locais, não anula a realidade de ainda

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

ocorrerem aulas separatistas, com espaços e oportunidades de participação desiguais, mas, fornece a informação de que essa situação pode estar sendo minimamente modificada com o passar dos anos.

Evasão nas Aulas

Pelo fato das aulas de Educação Física ocorrerem em espaços fora da sala de aula, é comum que nelas ocorra a evasão de alunos e que parte deles acabe não participando das atividades práticas. A quinta questão da pesquisa averiguava a evasão nas aulas de Educação Física, se esta ocorria e se era maior entre os meninos ou entre as meninas.

Temos o dado mais alarmante desta pesquisa, quando identificamos que 86% dos alunos afirmaram que as meninas evadiam das aulas mais do que os meninos. O fato apontado pela população estudada é algo muito comum. Quando analisamos uma aula de Educação Física escolar, é possível observar que os meninos se encontram em sua maioria na quadra ou pátio, enquanto parte das meninas ficam sentadas, afastadas, realizando qualquer outra atividade que não seja algum conteúdo da aula.

Esse dado se torna um prejuízo quando analisamos os fatos já citados, onde percebemos a importância dos conteúdos da Educação Física para a formação do aluno e que, neste contexto das meninas estarem ausentes, elas não se beneficiam dessas práticas. Isso também colabora para que a Educação Física seja uma disciplina que exclui parte da turma de seus conteúdos, e o professor ou professora, quando condizentes com essa realidade, autorizam que as meninas não realizem práticas que deveriam ser obrigatórias.

No citado trabalho de Altmann (1998) ela pôde observar que, durante as aulas de Educação Física as meninas comumente se evadiam durante as práticas, por sentirem um sentimento de incompetência ou incapacidade na realização de determinados gestos técnicos esportivos, o que nos leva a refletir se a esportivização⁴ das aulas não pode ser um dos motivos que leva a frequente ausência das meninas.

Oportunidade de participação nas aulas

Havia no questionário uma pergunta que investigava a oportunidade de participação nas atividades práticas das aulas de Educação Física, e como os participantes do estudo consideravam essa igualdade de participação para os meninos e para as meninas.

⁴ Entre as décadas de 1960 e 1970 houve uma tendência de esportivização nas aulas de Educação Física, onde apenas o conteúdo de esporte era desenvolvido nas escolas, de maneira tecnicista, atendendo a interesses políticos do governo ditatorial que visava se beneficiar desta condição (BRACHT e ALMEIDA, 2003).

Identificamos que apenas 18% da amostra afirmou que as aulas ocorriam “sempre” com igualdade de participação para meninos e meninas, em detrimento de 56% que citou aulas “sempre”, ou “na maioria das vezes” com menor oportunidade de participação feminina. Saraiva (2005) aponta para a necessidade de superação das condições estereotipadas relacionadas às diferenças entre os gêneros nas aulas mistas de Educação Física, que fazem com que, por vezes, aos meninos seja dedicado um maior inventivo para as práticas esportivas.

A autora reflete sobre o fato de ser comum que durante as aulas os meninos acabem desfrutando além de espaços e materiais privilegiados, uma maior atenção dos professores em relação a motivação dada às meninas, reforçando o porquê de identificarmos a existência da desigualdade de oportunidade de participação para elas.

Práticas de machismo ou exclusão feminina nas aulas

Na questão sobre as práticas de machismo ou exclusão das meninas durante as aulas, 51% da amostra afirmou que essas situações ocorriam “às vezes” e/ou “com frequência”.

Um dado muito interessante sobre essa constatação é que, ao analisar a parcela que afirmou não haver situação de machismo (10%) essa é composta totalmente por homens, e a parcela que afirmou não se recordar de nenhuma situação (34%) é composta por apenas seis mulheres. Ou seja, praticamente toda a representação feminina da amostra afirmou haver situação de machismo nas aulas, e apenas os homens afirmaram não haver ou não se recordar.

Louro (1997, p.17) analisa que “a desconstrução da invisibilidade social da mulher foi o grande objetivo das estudiosas feministas dos primeiros tempos”. O que percebemos ao analisar os dados é que a Educação Física, que por anos excluiu as meninas de suas práticas, carrega até hoje vestígios desse fato histórico e continua a invisibilizar a participação feminina. Isso fica claro quando praticamente todas as meninas pesquisadas atestam que a prática esportiva feminina na atualidade é ainda regada a exclusões e práticas de machismo.

A pergunta aberta do questionário (que deveria ser respondida apenas pelas participantes do gênero feminino) averiguava se as participantes haviam sofrido alguma situação de machismo, sexismo ou exclusão durante as aulas de Educação Física, na escola ou na graduação. Um total de 34 meninas, que representa 66% da amostra feminina, afirmou ter sofrido algum tipo de situação e descreveram como esta ou estas se desenvolviam.

A maioria das queixas relatadas dizem respeito a exclusão ou proibição por parte do professor/professora à realização dos esportes coletivos com bola, principalmente o futsal, como podemos ver abaixo nos recortes das respostas.

“Sim. O professor dava a bola para os meninos, enquanto as meninas tinham que ficar na arquibancada esperando a aula acabar.” (Joana)

“(…) nas aulas práticas, as meninas eram sempre excluídas, os meninos jogavam futsal e as meninas não podiam jogar com eles, tinham que ficar na quadra somente eles. As meninas tinham que jogar queimada ou outra atividade.” (Maria)

“Várias situações, como exemplo, os momentos em que tínhamos que ficar na arquibancada ‘torcendo’ enquanto os meninos jogavam futsal. E também por não poder jogar nos jogos escolares por não ter modalidades femininas.” (Luzia)

“(…) o professor levava a gente pro campo, e só os meninos jogavam, enquanto as meninas tinham que ficar só na torcida, em pleno sol.” (Mônica)

“(…) as meninas eram proibidas de participar das aulas com bola, enquanto os meninos sempre jogavam futsal ou handebol, as meninas ficavam sentadas ou brincando de algo que elas mesmo inventavam, já que os professores não davam nenhuma função para elas.” (Luna)

Nesses primeiros relatos é possível perceber não só a hegemonia do conteúdo de futsal/futebol nas aulas, como também, a frequente exclusão feminina dessa prática. A todo instante é reforçado que o motivo da proibição em realizar o esporte é o fato delas serem mulheres, muitas vezes associando isso a incapacidade que elas teriam em realizar a prática esportiva.

Nestas próximas falas, podemos identificar também um controle masculino nas atividades das aulas de Educação Física, que leva a constatar que em vários momentos os professores deixavam a autoridade da aula à cargo dos meninos.

“Os meninos não aceitavam a minha participação e das minhas amigas, diziam pra gente fazer outra coisa, ou até mesmo procurar uma lavagem de roupa.” (Maria)

“(…) lembro no ensino fundamental, o professor dava a bola aos meninos e eles não deixavam a gente jogar.” (Fabiana)

“Eu queria jogar com os meninos, falando que queria aprender, mas mesmo assim eles não deixavam.” (Camila)

“(…) nas aulas, os meninos não queriam as meninas na mesma equipe, por dizerem que não sabiam jogar e que iria atrapalhar.” (Eliane)

“Os meninos não deixavam as meninas sequer pegar na bola.” (Sílvia)

“(…) ao final do aula os meninos continuavam jogando, porém não deixavam as meninas jogarem” (Paula)

É nítido que em diversas situações era necessária uma autorização por parte dos meninos, para que as meninas realizassem as atividades da aula. Essa atitude por parte do professor só reforça a noção de uma supremacia masculina e inferioridade feminina, que reproduzida pelos alunos durante as aulas, se perpetua para outros setores da vida. As crianças crescem com a falsa ideia de que as atividades esportivas da aula de Educação Física são masculinas, que os meninos estão no comando e as meninas podem e devem ser excluídas, perpetuando o machismo dentro do ambiente escolar.

Bourdieu (1995, p 145) afirma que “a dominação masculina na sociedade está suficientemente assegurada”. Esse é um fato que já está consumado, os professores não precisam e não devem reforçar isso ainda mais durante as aulas. Agora é, na verdade, o momento de tentarmos reverter minimamente a desvalorização e desestimulação feminina para essas práticas.

Corroborando com esse pensamento, percebemos também em alguns relatos a presença constante de comparações corporais entre os meninos e as meninas, bem como, exclusões em função do gênero, ou de um padrão de corpo ideal, que deve existir para que o sujeito seja aceito dentro das aulas:

“(...) por ser gorda, sempre escutar que não posso praticar determinado esporte. Ou simplesmente escutar que não posso dar aula de futebol por ser mulher.” (Rosa)

“(...) principalmente comentários que comparam o desempenho masculino como superior ao feminino.” (Rejane)

“Sim, por ser uma pessoa com sobrepeso.” (Helen)

“(...) simplesmente escutar diariamente que não posso jogar futebol por ser uma mulher.” (Beatriz)

“Sim, já ouvi que por ser mulher iria atrapalhar o jogo.” (Lúcia)

Mais uma vez é possível perceber que a inferioridade feminina é reforçada, no intuito de justificar a exclusão das meninas nas práticas esportivas. Ao analisar todas as respostas, percebemos que as principais queixas são dentro deste contexto: a proibição de realizar alguma prática da aula por ser mulher.

Matos e colaboradores (2016) analisaram que por conta de maiores oportunidades de experiências motoras realizadas na infância, e um maior estímulo para as práticas esportivas pelos pais, os meninos acabam se tornando mais habilidosos que as meninas e por esse motivo, sentem dominar o espaço esportivo das aulas de Educação Física, levando inclusive essas aulas

para um contexto mais competitivo. Corroborando com essa ideia, Cruz e Palmeira (2009) também apontaram que a Educação Física pode contribuir (quando realizada de maneira equivocada) para uma possível superioridade dos meninos em relação as meninas, por levar em consideração a maior desenvoltura em atividades físicas que podem ter origem em maiores quantidades de experiências vividas por eles.

Nos próximos relatos, podemos constatar a informação de que as situações de machismo, sexismo ou exclusão são comuns e frequentes também no ambiente acadêmico, dentro da graduação em Educação Física:

“(...) exclusão por parte dos colegas de faculdade, por não ter uma prática de qualidade.” (Alane)

“No ambiente escolar não me recordo, enquanto no acadêmico já escutei comentários machistas onde incluía todas nós.” (Júlia)

“(...) na vida academica, nao sou habilidaosa, então, acabam excluindo não só eu, mas outras meninas não habilidosas.” (Lia)

“Sim, dentro da graduação, piadas machistas.” (Kelly)

“(...) até na faculdade os colegas falam que as meninas que jogam bola parecem machos.” (Patrícia)

“Na Universidade aconteceu diversas vezes. Os meninos da minha turma acabam sempre levando a atividade para o lado agressivo e competitivo, além de zombar das meninas por não realizarem o gesto esportivo correto, não aceitavam que nenhuma de nós ganhasse o jogo (...) se alguém reivindicasse, já era motivo para xingamento ou até mesmo agressão física com a bola. Boa parte das meninas da turma preferia nem participar das aulas”. (Juliane)

Quando identificamos que as práticas de machismo ocorriam até mesmo dentro do ambiente acadêmico, podemos constatar que parte dos meninos corre o risco de concluir a sua graduação com uma ideia de inferioridade feminina e/ou com o costume de realizar cotidianamente práticas de machismo. Esses mesmos meninos podem levar essa doutrina para o seu campo de trabalho e assim, fica possível compreender o porquê dessas situações ocorrerem dentro da escola. É necessário e urgente reverter essa ideia de Educação Física separatista, onde as meninas possuem menor valor até mesmo dentro de um curso de licenciatura.

Silva (2018) em seu recente estudo sobre a espaço das meninas na Educação Física escolar, afirma que a solução para as situações de machismo e exclusão feminina está nas mãos dos professores e professoras, e que estes/estas devem organizar seus conteúdos de maneira que

as aulas estejam centradas em um trabalho de resgate das alunas frequentemente excluídas da disciplina.

O autor nos provoca a atentar para os conteúdos que estão sendo ofertados, e averiguar se estes de fato oferecem igualdade de participação para as meninas e para os meninos, no momento em que traz a seguinte reflexão: se as aulas de Educação Física ofertarem conteúdos como dança e ginástica, será que os meninos ainda estariam no comando? Os professores devem sempre se questionar durante seus planejamentos, objetivando ofertar uma aula que tenha como produto final a participação efetiva de todos e todas.

Por fim, a décima pergunta do questionário examinava se, segundo a opinião dos participantes, as discussões sobre gênero e igualdade eram importantes e deveriam estar presentes nas aulas dos cursos de graduação em Educação Física, visando diminuir possíveis situações de machismo e sexismo. Uma parcela de 94% da amostra afirmou ser necessário esse tipo de discussão, enquanto apenas cinco estudantes (6%), quatro homens e uma mulher, afirmaram não haver necessidade de discutir essas temáticas nas aulas.

Essa se trata de uma feliz constatação, pois nos informa que, embora o machismo e o sexismo ainda estejam presentes, os alunos possuem a consciência de que é necessário discutir e conhecer um pouco mais sobre a igualdade de gênero, para que possivelmente essas situações possam ser minimizadas ou efetivamente eliminadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados expostos evidenciaram que a Educação Física precisa de grandes avanços para se tornar de fato uma disciplina para todos e todas. Foi identificado através da pesquisa que nas aulas práticas da disciplina, é comum que as meninas estejam realizando atividades diferenciadas e desfrutando de uma menor oportunidade de participação.

Através das falas das alunas pesquisadas, constatou-se que nas aulas escolares, por vezes, é dada uma autoridade e controle aos meninos, onde esses escolhem quais atividades serão executadas e quem delas pode participar. Esse fato nos faz refletir se essa dominação masculina não pode ter direta relação com os conteúdos frequentemente ofertados nas aulas de Educação Física, uma vez que identificamos na pesquisa uma hegemonia do conteúdo esportivo. A cobrança por gestos técnicos esportivos corretos por parte dos professores e dos meninos pode também justificar o fato da evasão feminina ocorrer com frequência.

A constatação de que as situações de machismo e exclusão chegam até o ambiente acadêmico (algumas meninas informam, inclusive, que só sofreram machismo dentro da

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br

www.desfazendogenero.com.br

Universidade) reforça a importância da necessidade de inserção da temática de gênero dentro dos cursos de licenciatura em Educação Física, pois só será possível modificar a realidade encontrada dentro das escolas, na medida em que a formação de professores perpassa por essa consciência da importância de uma aula que promova a equidade.

Deve ser um dever de professores e professoras de Educação Física trazer uma maior visibilidade às meninas, propiciando que elas possuam as mesmas oportunidades de participação nas aulas, diminuindo as identificadas situações de desigualdade e evasão.

Uma excelente estratégia que pode ser utilizada pelos professores é levantar discussões acerca dos aspectos de gênero, igualdade e sua importância na nossa sociedade, dando espaço para que os alunos falem sobre suas experiências, seus anseios, suas vontades, suas dificuldades. Seria uma oportunidade não só de trabalhar os conceitos de gênero com os graduandos, mas, também, despertar neles a iniciativa de superação das desigualdades com a ajuda do professor.

São necessários mais estudos que investiguem dados para além desta pesquisa, e possam buscar as representações sociais por trás dos dados aqui apontados. Sugere-se, nesse sentido, pesquisas também com os professores e professoras de Educação Física das escolas, para entender a realidade pelo olhar desses outros sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo as fronteiras de gênero: Marias e homens na Educação Física**. Belo Horizonte: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

ALTMANN, H.; UCHOGA, L. A. R. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**. 2016, p. 163-170.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.24, n.3, p.87- 101, maio, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física**. Brasília: MEC. P. 42, 1998.

BRASIL, **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP**. Censo Escolar, 2017.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação e Realidade**. v. 20 n. 2, p.145. Porto Alegre, 1995.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: editora Cortez, 1992.

CRUZ, M.; PALMEIRA, F.C. Construção de identidade de gênero na educação física escolar. **Motriz Revista de Educação Física**. v. 15, n. 1, p. 116 – 131, 2009.

DORNELLES, P., FRAGA A. B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**. 2009; 01:141-56.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOELLNER, S. V.; FIQUEIRA, M. L. M.; JAEGER, A. A. **A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar**. In: RIBEIRO, P. R. C.;

KNIJNIK, J. D. ZUZZI, R. P. **Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI**. 1º Ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, Petrópolis RJ: Vozes, 1997.

MATOS, N. R.; BRASILEIRO, G. S.; ROCHA, R. C. e NETO, J. L. C. Discussão de gênero nas aulas de educação física: uma revisão sistemática. **Motrivivência – revista de educação física, esporte e lazer**. v. 28, n. 47, p. 261 – 277, 2016.

SARAIVA, M. C. **Coeducação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SILVA, J.C.C. Meninas na **Educação Física** escolar: para elas não ficarem de fora. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 01, Vol. 03, pp. 87-96 dezembro de 2018. ISSN:2448-0959

THORNE, B. **Gender play, Girls and boys in school**. New Brunswick e New Jersey: Rutgers University Press, 1993.